

ATUAÇÃO DO EDUCADOR DO SÉCULO XXI: O DIÁLOGO NA RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO E O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO¹

Gilzane Oliveira Lima²
Teresa Ferreira Melo³

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, trata-se do enfoque do diálogo na relação entre a educação e o processo de humanização, como será a atuação do educador diante da crise em que se encontra a humanidade; que homem se quer formar e com que capacidades e aptidões.

O século XXI reflete dois grandes fatos que marcaram a evolução da humanidade, a Revolução Agrícola e a Revolução Industrial e, pouco a pouco, a vida foi-se transformando, o tempo e a tecnologia diferenciaram a forma de pensar e o cotidiano das pessoas. Com a Terceira Revolução Industrial – a aurora da Era da Informação, uma nova era está abrindo caminho, rompendo fronteiras, suscitando novas formas de olhar, também no campo da educação, na prática educativa escolar que, promovendo a relação cooperativa e aprendizagem crítica entre educadores e educandos, favorece a formação de profissionais competentes e, ao mesmo tempo, cidadãos ativos.

A complexidade da relação humana implica em reconhecer a relatividade de cada interpretação da situação e, portanto, a busca do entrelaçamento entre as perspectivas de diferentes sujeitos e diferentes contextos. Desse modo, um dos fenômenos mais preocupantes no que tange a questão do homem a ser formado no século XXI se manifesta nas características que se anunciam no âmbito da educação, tendo como fator relevante a sensibilidade a respeito do significado de se ser humano.

Trata-se de fenômeno psicossocial e cultural que permeia todas as dimensões da sociedade, que tem origem no nosso cotidiano – nas pequenas coisas, como modos de falar, vestir e agir, mas que atingem as relações humanas em geral e alcança as instituições e organizações sociais.

Aristóteles afirma que somente o homem é um “animal político”, isto é, social e cívico, porque somente ele é dotado de linguagem. O homem possui a palavra (*logos*) e, com ela, exprime o bom e o mau, o justo e o injusto. Expressar e possuir em comum estes valores é o que torna possível a vida social e política e, dela, somente os homens são capazes. A linguagem é, assim, a forma propriamente humana da comunicação, da relação com o mundo e com os outros, da vida social e política, do pensamento e das artes.

A linguagem exprime pensamentos, sentimentos e valores como a justiça, a coragem, a amizade, a piedade, o amor, a beleza, a temperança, a prudência etc., que constituem os ideais do sábio e do verdadeiro cidadão, isto é, possui uma função de conhecimento e de expressão.

Chauí (2000) conceitua consciência como a capacidade humana para conhecer, para saber que conhece e para saber o que sabe que conhece. O ponto de partida é a confiança no pensamento ou no homem como um ser racional, capaz de conhecer a si mesmo e, portanto, capaz de reflexão.

Por isso, para se relacionarem com o mundo e com os outros humanos, os homens devem valer-se do instrumento da linguagem para persuadir os outros de suas próprias idéias e opiniões. A verdade é uma questão de opinião e de persuasão, e a linguagem é mais importante do que a percepção e o pensamento.

Segundo Paulo Freire, a educação se torna um momento da experiência dialética total da humanização dos homens, com igual participação dialógica de educador e educando. Manifesta-se, aqui, o caráter absolutamente dialético da determinação da atividade educativa. Freire lembra ainda

¹ Pesquisa realizada sob a orientação do Professor Edmilson Vivas, do Departamento de Filosofia da Universidade Católica do Salvador – UCSal.

² Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Católica do Salvador – UCSal.

³ Acadêmica do Curso de Letras Vernáculas da Universidade Católica do Salvador – UCSal.

que “[...] as virtudes não vêm do céu nem se transmitem intelectualmente, porque as virtudes são encarnadas na práxis ou não”.

A primeira virtude do diálogo consiste no respeito aos educandos. Outra virtude fundamental é escutar as urgências e opções do educando. Há ainda outra virtude: a tolerância, que é a “[...] virtude de conviver com o diferente para poder brigar com o antagônico”.

Como se vê, para ele, a educação é um momento do processo de humanização. Tem um modo dialético de pensar, que não separa teoria e prática. O diálogo é, portanto, uma exigência existencial que possibilita a comunicação e permite ultrapassar o imediatamente vivido.

2. METODOLOGIA

Diante da abrangência e da complexidade do tema proposto pelas autoras, será utilizada como ferramenta metodológica a forma qualitativa para explanação dos fatos ora apresentados, considerando-se, como recurso, levantamento, configuração e interpretação de métodos, técnicas e dados empíricos, cuja aplicação possibilita as várias formas de investigação científica. Assim, o trabalho será baseado na pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa histórica no processo metodológico. Será utilizado, também, o estudo comparativo, na perspectiva de identificar – à luz das características do homem e da sociedade humana – a fundamentação da enorme influência do diálogo na relação entre a educação e o processo de humanização na atuação do educador/educando no século XXI num contexto histórico-social e cultural.

Estamos atravessando uma nova era diante de duas grandes tendências. A primeira, a globalização, um dos fenômenos mais significativos dos últimos tempos, consiste na transformação paulatina da nossa visão do mundo, das nossas identidades nacionais e a consciência de nós próprios; a segunda, o avanço da ciência e tecnologia que, com sua rapidez, afeta as nossas vidas e o nosso cotidiano, sem que tenhamos tempo para nos aperceber dos seus impactos e de suas conseqüências.

A crise da humanidade, nesta transição secular, é valorativa. Se quisermos saber que modelo de educação necessitamos para o século XXI, é necessário analisar a questão do ponto de vista social, dando ênfase ao universo valorativo humano e à revolução que nele terá que se operar. Partindo do enfoque do diálogo na relação entre a educação e o processo de humanização, como será a atuação de educador diante da crise em que se encontra a humanidade? Que homem se quer formar e com que capacidades e aptidões?

A educação é uma força cultural arrebatadora e fonte inesgotável de um estado de invenção e reinvenção social que, de tempos em tempos, sobretudo diante de ciclos históricos — como a atual transição de séculos e de milênios – busca, através da sociedade, redefinir os pressupostos, os objetivos, os conteúdos e as metodologias da educação e, com isso, traçar o perfil do educador ideal como parte integrante desta busca, na tentativa de engajá-lo no processo de formação e atuação consciente e crítica no contexto social humano no mundo contemporâneo.

Um dos objetivos mais preciosos da educação consiste em promover o conhecimento científico e as suas aplicações aos problemas práticos do mundo em que vivemos e, nesta perspectiva, as autoras propõem, no que tange a questão do homem a ser formado no século XXI, a manifestação das características que se anunciam no âmbito da educação, tendo como fator relevante a necessidade de se assumir efetivamente a multiplicidade e a reciprocidade de diferentes pontos de vista para se garantir o mútuo entendimento tanto nas relações dos educadores quanto nas relações dos educandos.

O que se pretende é delinear a formação pedagógica do educador na questão de qual será o papel e a atuação deste profissional, independentemente de modalidades e níveis escolares e, com isso, descrever relações entre o indivíduo e o ambiente material e humano que o circunda.

O mundo suscita sentidos e palavras, as significações levam à criação de novas expressões lingüísticas, a linguagem cria novos sentidos e interpreta o mundo de maneiras novas. Podemos nos relacionar com a realidade por meio da palavra; com ela, podemos nos comunicar e nos relacionar

com os outros. A linguagem revela nosso corpo como expressivo e significativo, os corpos dos outros como expressivos e significativos, as coisas como expressivas e significativas, o mundo como dotado de sentido e o pensamento como trabalho de descoberta do sentido. As palavras têm sentido e criam sentidos; a linguagem não traduz pensamentos, mas participa ativamente da formação e formulação das idéias e dos valores; a linguagem é uma forma de nossa experiência total de seres que vivem no mundo e com outros; é uma dimensão de nossa existência. (CHAUÍ, 2000).

É importante não confundir progresso humano com progresso tecnológico. Nas sociedades pós-industriais, o cidadão vem sendo transformado num terminal de informação, carente de análise e sem reflexão crítica e, partindo-se deste contexto e para maior esclarecimento, será dado um enfoque no que nos relata Sanvito (1998):

O homem está situado entre dois mundos: o mundo da natureza e o mundo da cultura. Cultura é o que se acrescenta à natureza. É obra do homem que, com o seu saber e o seu fazer, age sobre a natureza. E dessa interação homem/natureza surge a cultura. Esse agir sobre a natureza nem sempre é pacífico, pois o homem frequentemente violenta a natureza. O ideal seria um **diálogo** fecundo entre o homem e a natureza, de sorte que por meio da cultura o homem pudesse **humanizar** a natureza e esta pudesse **naturalizar** o homem. Na cultura **confluem** e se cristalizam as atividades humanas, tanto as objetivas como as simbólicas, em suas múltiplas vertentes: **a ciência, a técnica, a filosofia, a arte, a religião, a política, o mito**, etc. A cultura é construída pela mente e pelas mãos do homem. Na moldura cultural, o homem aparece como um ser diferenciado com suas múltiplas instâncias. A aquisição da cultura teve início com a hominização e nunca mais parou, pois por meio da decantação de experiências do homem o processo cultural segue o seu curso. Embora toda mudança seja traumática, porque implica numa ruptura com a ordem estabelecida, até o início do nosso século as mudanças eram lentas e, portanto, administráveis. O quadro atual é marcado pela babelização dos costumes e dos conhecimentos.

Some-se a isso tudo, a falência do sistema educacional, embasado em proporcionar um acúmulo de conhecimento ao educando, com o objetivo de lhe conferir um diploma para exercer uma profissão. Não constitui uma heresia afirmar que o diploma é o maior inimigo da cultura. Em todas as instâncias, o sistema educacional está em crise, desde o primário até o superior. A cultura não deve ser cumulativa, mas auto-organizadora, no sentido de transformar a informação e o conhecimento em saberes articulados. Tornar-se culto é uma aventura perigosa e exige transpiração. É preciso ter coragem para exorcizar o demônio das idéias cristalizadas. Nós estamos vivendo uma etapa crucial na história do conhecimento, traduzida por uma explosão do conhecimento fragmentado e por uma falência das teorias totalizantes. As sociedades organizadas estão perplexas e o vazio de idéias, ao lado do progresso técnico acelerado, vai gerando uma cultura descerebrada. O velho está morrendo e o novo ainda é uma geléia. As elites pensantes repudiam as teorias transcendentais, por considerá-las fantasiosas, acrílicas e anticientíficas. As teorias científicas ou filosóficas superdimensionam uma vertente do conhecimento para explicar o mundo.

Segundo Paulo Freire, para pôr em prática o diálogo, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber; deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o educando não é um indivíduo perdido, fora da realidade, mas alguém que tem toda uma experiência de vida e, por isso, também é portador de um saber. O importante, ele esclarece, é a comprovação de que os educandos, quando chegam à escola, também têm o que dizer, e não apenas o que escutar.

A primeira condição para ensinar a pensar bem é a convicção de que ensinar não é transferir conhecimento, mas sim construir com o educando ou possibilitar que ele construa com os seus iguais, mas nunca construir por ele. O pensar certo é dialógico e não polêmico, porque tem como

objetivo possibilitar a apreensão e compreensão por parte do educando do conteúdo que está sendo comunicado. Pensar certo é fazer certo. Trazendo muito forte o respeito pelos direitos do ser humano, as concepções pedagógicas que embasam a filosofia de Paulo Freire estão direcionadas para o processo de humanização e transformação, encharcadas de vida e amor pelo ser humano.

Paulo Freire retoma a relação originária entre dialética e diálogo e define a educação como a experiência basicamente dialética da libertação humana do homem, que pode ser realizada apenas em comum, no diálogo crítico entre educador e educando.

3. RESULTADO / CONCLUSÃO

Na busca de um resultado que aponte a importância do diálogo na relação entre a educação e o processo de humanização, salientamos que cabe tanto ao educador/educando quanto aos grupos sociais em geral – com suas escolhas e no âmbito de suas capacidades e esfera de responsabilidade – a tarefa de compreender que é com a valorização humana que se poderá resgatar, numa atitude humanista de solidarização e numa atitude política de desafio, o respeito, a tolerância e a dignidade para a libertação humana na construção do futuro.

A linguagem tem uma função comunicativa, isto é, por meio das palavras entramos em relação com os outros, dialogamos, argumentamos, persuadimos, relatamos, discutimos, amamos e odiamos, ensinamos e aprendemos, etc. (CHAUI, 2000).

A linguagem nasce da necessidade: a fome, a sede, a necessidade de abrigar-se e proteger-se, a necessidade de reunir-se em grupo para defender-se das intempéries, dos animais e de outros homens mais fortes levaram à criação de palavras, formando um vocabulário elementar e rudimentar, que, gradativamente, tornou-se mais complexo e transformou-se numa língua.

A linguagem nasce das emoções, particularmente do grito (medo, surpresa ou alegria), do choro (dor, medo, compaixão) e do riso (prazer, bem-estar, felicidade).

Citando Rousseau em seu *Ensaio sobre a origem das línguas*: “[...] Não é a fome ou a sede, mas o amor ou o ódio, a piedade, a cólera, que aos primeiros homens lhes arrancaram as primeiras vozes [...]”. Eis por que as primeiras línguas foram cantantes e apaixonadas antes de serem simples e metódicas.

Conforme Stavenhagen (1996), nos países industrializados fala-se de “exclusão” como fenômeno social, econômico e cultural de proporções importantes, e uma das tarefas da educação no futuro imediato consiste em diminuir essa marginalização de numerosos grupos (minorias, imigrantes, marginais sociais etc). Poderá o sistema educativo enfrentar este problema? Estará preparado para o fazer?

Segundo Almeida Jr.(2000), a degradação ambiental, a falta de equilíbrio e harmonia entre os poderes constituídos, a intolerância étnico-religiosa e a constante tensão entre grupos locais, regionais, nacionais e internacionais são apenas expressões maiores da perda de sensibilidade que grande parte da população humana manifesta diante dos atributos humanos universais. Dado esse quadro do nosso tempo, não é de admirar, portanto, que um número crescente de indivíduos e grupos sociais venha agora exibindo insensibilidade ao sofrimento humano. E, do ponto de vista educacional, é entender que a educação deve pretender formar, para o século XXI, o cidadão livre, mas com responsabilidade. Alguém que seja capaz de resgatar, individual e socialmente, a dignidade da cidadania plena, numa sociedade justa e solidária e a possibilidade de um planeta pacífico, harmônico e ecologicamente auto-sustentável.

Paulo Freire, em seu pensamento dialético, enfatiza que realidade que é dinâmica, imprevisível, marcada pela contradição e representa um desafio à nossa reflexão crítica, à nossa criatividade, e um apelo à nossa ação, mais do que respostas às nossas indagações. Seus escritos representam também a busca do diálogo amplo e fecundo entre educador/educando, pessoas e grupos que se comprometam na construção da educação como prática da liberdade. O saber é uma doação e, nesta concepção, os homens são vistos como seres do ajustamento da adaptação.

Levando-se em consideração o que esclarece Drumond (2003), o homem é um ser intrinsecamente ético, porque se acha dotado e, por conseqüência, capaz de refletir sobre os seus atos. A ética – ciência do comportamento humano – estabelece como instrumento de estudo deste comportamento a discussão filosófica do agir humano em categorias as mais variadas, tendo presentes os princípios universais que se tornaram consagrados, porque atenderam a necessidade de preservação do próprio homem enquanto indivíduo pertencente a uma grande família, que é a humanidade.

Nesta singularíssima transição histórica da humanidade, nunca foi tão importante a reflexão ética para modular o comportamento humano, de modo que as ações de homens e mulheres possam ser canalizadas para resultados benéficos universais e que não haja riscos para a própria sobrevivência dos seres humanos neste planeta.

4. REFERÊNCIAS

ALMEIDA JR. José Maria G. de (Org. e ed.) Educação. Uma coletânea de ensaios para o século XXI. Brasília: EDUnB, 2000. (No prelo).

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

DRUMOND, José Geraldo de Freitas. O silêncio ético da humanidade. Disponível em: <<http://www.unimontes.br/aunimont/silencio.htm>> Acesso em: 05. jun. 2003

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

_____. **Conscientização**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

HANNOUN, Hubert. **Educação: certezas e apostas**. São Paulo: UNESP, 1998.

SANVITO, Wilson Luís. A agonia da cultura no século 20. Disponível em: <<http://www.jt.estado.com.br/noticias/98/04/18/sal.htm>> Acesso em: 05 jun. 2003.

STAVENHAGEN, Rodolfo. O tesouro da educação: uma velha arca apta para enfrentar o século XXI. Disponível em: < http://www.cursoverao.pt/c_1996/rodolf1.html > Acesso em: 05. jun. 2003.